

ANIMAÇÃO BÍBLICA DE NOSSA PASTORAL*Enrique García Ahumada, FSXC***Apresentação**

Para iniciar, o título deste Caderno, poderia de imediato fazer uma seleção de seus virtuais leitores, e isto seria grave, caso fossem pouco numerosos, como se tratasse de um tratado de especialistas. Nada mais longe da realidade! O primeiro parágrafo, acurado como todo o conteúdo de toda a obra, deixa bem claro o objetivo em vista, e os seus destinatários: “... *propõe-se mostrar o porquê e o como da animação bíblica da Pastoral dos Irmãos das Escolas Cristãs e de nossos cooperadores na missão*”. Evidentemente, nesta tão breve declaração de intenção, forçosamente se omitem aspectos que haveriam de escandalizar a qualquer leitor, por “profano” que se declarasse na matéria.

Este estudo é um padrão de exatidão, correção, documentação, síntese e zelo. Somente um apaixonado pela missão lassalista e pela Sagrada Escritura, pode orientar-nos com tanta destreza e de maneira tão singela, sem a menor oposição.

Em numerosas ocasiões do passado, para iluminar nosso presente em temas da atualidade, tornava-se necessário recorrer à Bíblia, na tradição da Igreja e do Instituto, na espiritualidade lassalista, nas contribuições para esse fim do Concílio Vaticano II... Pois bem, sem velado interesse para confundir, sem pretensão de luzir, sem duvidoso rigor, aplaina-se o caminho até chegar a uma explicação do panorama atual; explicação que, não por ser necessariamente breve, renuncia a uma laboriosa documentação.

Afirmar que a espiritualidade lassalista, desde as suas origens, está fortemente enraizada na Bíblia não pode surpreender-nos, pois parece que não poderia ser de outra maneira... Com certeza, uma leitura atenta nos levará a pensar que não deixa de ser algo de maravilhoso, ou pelo menos admirável, pois será preciso esperar até as últimas décadas do século XX para devolver à Bíblia seu lugar central na Igreja, visto que tinha sido substituída pelo catecismo e os sacramentos durante séculos. Neste sentido, nossa herança não deixa de ser excepcional. Graças ao autor, aprenderemos as chaves dessa genialidade de combinar historicamente Bíblia, Liturgia, Tradição e Magistério.

A oração também merece um capítulo à parte, como era de esperar. Além de apresentar os desígnios básicos e explorar diversas formas de descobrir a Presença de Deus, é-nos oferecida uma apresentação acessível e muito prática do Método de Oração de São João Batista de La Salle.

O lassalista empenhado no labor do ensino em qualquer domínio (técnico, científico, filosófico, artístico, histórico, esportivo...) sentir-se-á estimulado e urgido a saber explorar as possibilidades para “...*obter aprendizagens em que se unam ciência e fé, arte e fé, técnica e fé, não de maneira aparente ou artificial e forçada, mas em profundidade*”, porque uma vida que não integra esses elementos estará sempre truncada e propensa a desequilíbrios esquizofrênicos. A escola lassalista não deve confundir a cultura com o saber.

Irmão Alfonso Novillo, fsc

A ANIMAÇÃO BÍBLICA NA PASTORAL

A Pastoral, ação eclesial ou apostolado, é um modo de atuar que os Irmãos das Escolas Cristãs partilhamos com muitas outras organizações na Igreja. A animação bíblica, de todas as ações eclesiais, propósito renovador estabelecido pelo Concílio Vaticano II, é uma contribuição carismática fundacional do nosso Instituto. Esta exposição propõe-se mostrar o *porquê* e o *como* da animação bíblica da pastoral dos Irmãos das Escolas Cristãs e dos nossos cooperadores leigos.

1. A novidade da animação bíblica da pastoral

O Concílio Provincial de *Tarragona*, em 1233, em face da heresia albigense, proibiu narrar a Sagrada Escritura em língua vulgar, presumindo que seu uso pelo povo viria a ser fonte de here-sias. Com este critério, o franciscano *Alfonso Castro*, teólogo do cardeal *Pacheco*, no Concílio de Trento (1545-1563), obteve vigorosas restrições ao uso da Bíblia em línguas vivas, moderadas por Bento XIV, em 1757, mas mantidas na liturgia. Esse Concílio ecumênico, que marcou o modo de ser e de atuar da Igreja durante mais de quatro séculos, em face do extremismo protes-tante de centralizar a vida cristã “unicamente na Sagrada Escritura”, inibiu o uso do texto bíblico pelo povo, enfatizando em troca a vida sacramental, cuja doutrina chegara à maturidade no Con-cílio de *Lyon*, de 1274, por influência de Santo Tomás de Aquino, falecido quando para lá se dirigia.

A partir de dois séculos antes do Concílio de Trento, por obra dos sínodos diocesanos e inter-diocesanos europeus, foi tomando forma estável o compêndio da doutrina cristã, às vezes em forma de breves lições, e com mais freqüência na forma de questionário para ser decorado, para uso paroquial e escolar. O catecismo substituiu as Escrituras que alimentaram os Israelitas e os cristãos dos primeiros séculos. Os mandamentos da Igreja, dos quais *Santo Antonino de Florença* nomeou dez, enquanto que na Alemanha, França e Espanha cinco se generalizaram no próprio século XIV, introduziram-se nesses compêndios doutrinários elementares para complementar o Decálogo com o ethos sacramental neo-testamentário. Ao identificar a manifestação da vida ca-tólica com a missa dominical, a comunhão pascal, a atitude penitencial expressa pelo jejum, a abstinência de carne e a freqüência da confissão sacramental, além da contribuição econômica para o culto. Favoreceu a dependência passiva dos leigos a respeito do clero.

O Concílio Vaticano II, tendo aprendido por duas sangrentas guerras mundiais, ao perceber um desafio maior na falta de religiosidade e na injustiça, tramando juntas contra a salvação da humanidade, apelou para todas as forças espirituais disponíveis para superar a intrascendência materialista e a conseqüente violência contra os fracos e os pequenos. É patente sua intenção renovadora e evangelizadora, entre outros lugares significativos, no primeiro parágrafo do primeiro documento aprovado, a Constituição sobre a Liturgia:

“Este Sacrossanto Concílio propõe-se fomentar cada vez mais a vida cristã entre os fi-éis; acomodar melhor às necessidades de nossa época as instituições que são suscetíveis de mudança; favorecer tudo o que possa contribuir para a união dos que crêem em Je-sus Cristo; e promover tudo o que conduz ao chamamento de todos ao seio da Igreja. Por isso julga o seu dever cuidar de modo especial da reforma e do incremento da Li-turgia” (*Constituição "Sacrosanctum Concilium" sobre a Sagrada Liturgia*, 1 Proêmio).

Em seus documentos práticos propôs o caminho rumo à unidade com os demais cristãos (*Unitatis Redintegratio*), o diálogo inter-religioso (*Nostra aetate*) e o respeito à liberdade religi-osa (*Dignitatis humanae*). Em seus maiores documentos, o mais fundamental de todos, pro-

clamou o caráter central da Palavra de Deus na Igreja (*Dei Verbum*), logo, o papel da liturgia como fonte e ápice da vida cristã (*Sacrosanctum Concilium*), a Igreja inteira como prolongamento de Jesus Cristo, Luz do mundo (*Lumen Gentium*), visão evangelizadora complementada em documentos sobre as comunidades católicas orientais (*Orientalium Eccleiarum*), sobre os bispos (*Christus Dominus*), sobre os sacerdotes (*Presbyterorum Ordinis*) e sua formação (*Optatam totius*), sobre a vida de especial consagração (*Perfectae Caritatis*), tudo com um essencial impulso missionário (*Ad gentes*) e social (*Gaudium et spes*), afirmando que ambas as atividades devem caracterizar a todos os cristãos e em especial aos leigos (*Apostolicam Actuositatem*, e destacado a vigência atual das profissões seculares: os comunicadores sociais (*Inter mirifica*) e os educadores (*Gravissimum educationis momentum*).

Esta olhada teológico-pastoral no conjunto dos documentos conciliares permite perceber a revolução copernicana envolvida ao os fiéis terem fácil acesso à Sagrada Escritura (*DV*, 22). Em vez de o católico se identificar “com ter todos seus sacramentos”, enquanto os evangélicos e demais reformados se auto-definirem por uma relação pessoal com Jesus Cristo e gostarem de ser chamados cristãos, o Concílio “recomenda insistentemente a todos os fiéis, especialmente aos religiosos, a leitura assídua da Escritura, para que adquiram a ciência suprema de Jesus Cristo (*Fl* 3, 8), pois “desconhecer a Escritura é desconhecer a Jesus Cristo (*DV*, 25). É preciso que se “multipliquem os ministros da palavra capazes de oferecer ao Povo de Deus o alimento da Escritura, que ilumine o entendimento, ratifique a vontade, inflame o coração no amor a Deus”. (*DV* 23).

O próprio Jesus Cristo anima a conhecer bem a Sagrada Escritura (*Mt* 22, 29); põe em aperto os conhecedores das Escrituras (*Jo* 3, 10); *Mt* 22, 15-22.34-40); destaca alguns textos bíblicos postergados (*Mt* 22, 34-40); usa a simples prudência para interpretar algum texto (*Mt* 12, 9-13). Apóia-se na Sagrada Escritura para enfrentar críticas (*Mt* 12, 1-8; 15, 1-9; 22, 23-33). Convoca a encontrar o sentido de algum texto difícil (*Jo* 10, 34 ss). Recusa limitar-se a proclamar a letra (*Jo* 8, 3-9). Compromete a atuar como crentes (*Jo* 8, 9), a cumprir a palavra de Deus e ensiná-la (*Mt* 5, 19ss).

2. A Bíblia no espírito e no exemplo dos Irmãos

Nós nos sentimos honrados quando São Pio X, num Breve de 11 de julho de 1907, nos chamou de “os apóstolos do catecismo”. Dois séculos antes, São João Batista de La Salle, em suas meditações inspiradoras, nos diz que teremos de prestar contas a Deus se não formos exatos em dar o catecismo durante todo o tempo prescrito, ensinando aos alunos as coisas que convêm que eles saibam de acordo com sua idade e sua capacidade (*Med.* 206, 1); pede-nos que, em nossas lições, então denominadas de catecismos, anunciemos a Palavra de Deus (*Med.* 207, 3), considera-nos destinados a anunciar sua palavra às crianças (*Med.* 193, 1), escolhidos por Deus para anunciar às crianças as verdades do Evangelho (*Med.* 198, 2). Mais que catequistas, como educadores no espírito do cristianismo (*Med.* 194, 2), nos declara Ministros encarregados por Deus de instruir as crianças, anunciar-lhes o Evangelho e educá-las no espírito da religião (*Med.* 201, 1); nos qualifica como cooperadores de Deus (*Med.* 205, 1), ministros do Novo Testamento, ministros de Deus e dispensadores de seus mistérios, ministros de Deus, de Jesus Cristo e da Igreja, cooperadores de Jesus Cristo na salvação das almas, embaixadores e ministros de Jesus Cristo, ministros para edificar por meio das crianças o Corpo de Jesus Cristo, ministros comprometidos por Jesus Cristo para construir e sustentar a Igreja, mestres daqueles cuja direção nos foi confiada, para conduzi-los à liberdade dos filhos de Deus que Jesus Cristo nos adquiriu ao morrer por nós (*Med.* 203,2).

Antes de ocupar-se do *fazer*, o santo Fundador se ocupou do *ser* do Irmão das Escolas Cristãs. Definiu esse modo de *ser* na Regra, sobretudo pelo espírito de fé, que move a considerar tudo com os olhos da fé, a fazer tudo em vista de Deus e atribuir tudo a Deus, inspirando-se para isto na Sagrada Escritura. Para adquirir esse espírito e viver dele propõe um profundíssimo respeito à Sagrada Escritura, manifestado em levar sempre consigo o Novo Testamento, e a ler cada dia algo dele, considerando-o como primeira e principal Regra. O Irmão das Escolas Cristãs é homem da Bíblia como meio para ser homem de Deus, de seu Filho Jesus Cristo e de seu Espírito Santo.

Séculos antes que a teologia querigmática, desde 1936, na Áustria e na Alemanha redescobrisse a centralidade do mistério pascal e se projetasse numa catequese querigmática no Congresso de *Eichstätt*, os Irmãos, ao explicarem com sua proverbial fidelidade à Igreja os catecismos diocesanos, em linguagem e conteúdo muito parecidos uns com os outros, sempre enriqueceram seu diálogo catequístico com abundantes citações e comentários do Novo Testamento. Levavam-no no bolso da batina e o meditavam em suas *recolecções* ou minutos de recolhimento antes de cada exercício de piedade, várias vezes por dia.

Os Irmão que por outros motivos não ensinavam religião, sempre participavam das conferências dominicais do Irmão Diretor, que partiam das leituras litúrgicas do dia e, através da *Coleção de Vários Pequenos Tratados*, contavam com uma abundância de passagens bíblicas para inspirar toda sorte de ações cotidianas. Ainda que não se empregasse a expressão, a espiritualidade dos Irmãos formados na escola de São João Batista de La Salle, sempre foi cristocêntrica, bíblica e litúrgica, além de laical, isto mercê do tão reiterado pensamento do Santo Fundador:

"Não façais nenhuma diferença entre os negócios próprios do vosso estado e o negócio da vossa salvação e da vossa perfeição. Ficai persuadidos de que nunca operareis melhor vossa salvação nem adquirireis tanta perfeição do que desempenhando-vos bem dos deveres do vosso estado, contanto que o façais em vista da ordem de Deus" (*Coleção de Vários Pequenos Tratados, Considerações, página 183, IV*)¹

Nas conversações com os mais simples dos Irmãos piedosos, os textos bíblicos sempre têm estado à flor dos lábios, e sempre relacionados com a vida diária.

Os Irmãos também não se enredaram num biblicismo cerrado e exclusivo, malgrado situarem a Bíblia no contexto da Tradição para interpretar a doutrina de acordo com o sentir universal e constante dos Padres da Igreja e do Magistério universal, privilegiado em face do magistério episcopal contaminado na França de galicanismo ou de jansenismo, conforme as normas dadas em tempos polêmicos pelo Santo Fundador, sólido doutor em teologia, vinculado aos homens mais santos de seu entorno, como *Barré, Roland, Poullart, Tronson, Baiïyn, Bourdoise, e outros*.

¹ A página é da versão portuguesa, 1943.

3. O apostolado para-bíblico

O *P. Ludger Feldkaemper, SVD*, secretário geral por dois períodos da Federação Bíblica Católica, denomina de apostolado para-bíblico à obra de traduzir, produzir e distribuir a Sagrada Escritura. Há Irmãos engajados em todos esses serviços.

Há biblistas capacitados para colaborar na tradução de livros bíblicos. As sucessivas versões tentam sintonizar com a evolução da fala nas diferentes línguas vivas. A tradução hoje emprega a técnica da equivalência dinâmica: em vez do servilismo textual palavra por palavra, procura respeitar o sentido original mediante a rotatividade da linguagem atual.

Às vezes, quando na liturgia ou na catequese se emprega uma versão bíblica um tanto antiquada, um especialista no idioma dos ouvintes, se conhece bem o texto bíblico, pode auxiliar na equivalência dinâmica. Em certos casos será obrigado a fazê-lo, para não prejudicar ou escandalizar a seus ouvintes. É isto que exige a rijeza de certos hebraísmos. Em vez de dizer: “*Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai, ou mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo*” (Lc 14, 26)², é mais correto dizer: “*Se alguém vem a mim, mas não me prefere a seu pai e sua mãe, sua mulher e seus filhos, seus irmãos e suas irmãs, e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo*” (Lc. 14. 26)³. Ou mais simples ainda: “*Se alguém vem a mim e não me ama mais que a seu pai ou a sua mãe...*” – O significado da passagem é a segunda versão e não a primeira, ainda que essa seja mais fiel ao repertório verbal do texto original. As traduções bíblicas atuais, os hebraísmos perturbadores vão desaparecendo aos poucos. Todo bom catequista deve estar atento a essa delicada questão. O formador de catequistas, com mais razão ainda deve estar atento a isto, sem que seja necessário ser um especialista em Bíblia nem em idiomas. É suficiente que domine bem a língua de seus interlocutores, e conheça um bom comentário do texto, às vezes encontrável ao pé da página nas Bíblias aprovadas pela Igreja Católica.

Sem serem biblistas, muitos colaboram na difusão da compreensão da Escritura, não a partir das línguas originais, mas a partir das línguas vivas. Sintonizam o texto com a linguagem dos leitores e dos auditores atuais, especialmente dos adultos de recente alfabetização, ou das crianças e adolescentes possuidores ainda de um vocabulário restrito, para os quais redigem antologias de passagens apropriadas às idades e situações sócio-culturais, e literatura espiritual e catequística impressa, gravada ou informática.

Outros apostam sua perícia editorial a serviço da produção de Bíblias com apresentação atraente e preço acessível.

Essas etapas de elaboração do texto, de produção dos livros sagrados e de sua difusão direta ou em diversos materiais com conteúdo bíblico são indispensáveis, mas não suficientes.

4. O apostolado bíblico em sentido estrito

O apostolado bíblico *stricto sensu* consiste em pôr os fiéis em contato vital com a Sagrada Escritura, para que possam “*manejar com segurança e proveito a Sagrada Escritura, e penetrar-se de seu espírito*” (DV 25).

² Versão da *Bíblia de Jerusalém*, Edições Paulinas.

³ Versão da *Bíblia Sagrada*, Tradução da CNBB.

A partir da época do santo Fundador, em seu ensino religioso, os Irmãos das Escolas Cristãs têm proclamado e explicado sobretudo o Novo Testamento, porque sempre o tiveram em mãos como elemento essencial de nossa espiritualidade. Sempre tem sido tradição lassalista que os alunos memorizem máximas bíblicas inspiradoras ou interpelantes, e que as entendessem corretamente, graças aos esclarecimentos dos Irmãos nas salas de aula.

Desde o Concílio Vaticano II, os próprios alunos dispõem da Bíblia na escola e muitos também em suas casas. Vão crescendo em contato com a Sagrada Escritura. Seus pais, hoje se surpreendem com a flexibilidade com que interpretam os textos bíblicos, porque eles, os pais, nem sempre tiveram uma educação bíblica. Alguns a recebem durante dois anos na catequese familiar de iniciação eucarística. Outros solicitam que a escola em sua pastoral familiar lhes ofereça algum processo de iniciação bíblica, quer seja em forma de cursos, quer em comunidades de fé.

Na escola lassalista atual, a maioria dos professores são leigos. Mesmo que por contrato aceitem apoiar o projeto educativo católico, muitos carecem de formação cristã sistemática, tanto na escola como na universidade. Descubrem a escola cristã como lugar de evangelização e de salvação, e costumam mostrar-se abertos a receber, sobretudo dos Irmãos, ainda que não exclusivamente, uma educação para a fé, se ela for concebida para adultos. Aqui existe um importante apelo para o apostolado bíblico lassalista ao qual devem responder os Irmãos e seus cooperadores teologicamente melhor formados.

5. A interpretação católica da Bíblia

Para a animação bíblica, nós Irmãos e cooperadores necessitamos ter presente algumas questões básicas, que aqui convém revisar, ainda que seja rapidamente.

Não existe evangelização sem Evangelho e sem Bíblia. Para evangelizar é preciso saber como a Igreja Católica interpreta a Bíblia. O Concílio Vaticano II, na Constituição Doutrinal *Dei Verbum*, sobre a revelação divina assentou as bases da leitura correta da Bíblia: “*O plano de revelação se concretiza através de acontecimentos e de palavras intimamente conexos entre si*” (DV 2). Deus se revelou principalmente na Encarnação, vida, morte e ressurreição de seu Filho, que é a Palavra de Deus por excelência (*ver Jo 1, 1*). Num belo texto com referências bíblicas diz o Concílio:

“Mediante esta revelação, portanto, o Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos homens como amigos, e com eles se entretém, para os convidar à comunhão consigo e nela os receber” (DV, 2).

As atuações de Deus se comentam de geração em geração, dando origem à Tradição judaico-cristã, uma parte da qual foi posta por escrito.

“A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura estão, portanto, entre si estreitamente unidas e comunicantes. Pois procedem ambas da mesma fonte divina, formam de certo modo um só, e tendem para o mesmo fim... Por isso a Igreja não tira exclusivamente da Escritura a certeza a respeito de tudo que foi revelado” (DV, 9).

Os autores inspirados registravam por escrito as manifestações de Deus conforme a compreensão alcançada em sua época. “*Israel foi experimentando a maneira de obrar de Deus com os homens, e pôde conhecer por experiência quais os caminhos de Deus para com os homens e,*

falando Deus pela boca dos profetas cada vez mais profunda e claramente os compreendeu e os difundiu amplamente entre os povos” (DV, 14). A própria revelação divina é progressiva. No Antigo Testamento há, sobretudo, expressões imperfeitas que se vão corrigindo no decorrer dos séculos.

“Os livros do Antigo Testamento, em conformidade com a condição do gênero humano dos tempos anteriores à salvação realizada por Cristo, manifestam a todos o conhecimento de Deus e do homem e os modos pelos quais o justo e misterioso Deus trata com os homens. Esses livros, embora contenham também coisas imperfeitas e transitórias, manifestam, contudo, a verdadeira pedagogia divina” (DV, 15).

As formas de comunicação que os livros bíblicos originaram são várias; não se reduzem a afirmações dogmáticas. O Concílio reiterou a importância de distinguir os gêneros literários dos diversos textos bíblicos (DV 12). Os textos sagrados não devem ser lidos como se todos tivessem o mesmo valor de verdade revelada. Alguns relatos têm caráter histórico e outros são narrativas noveladas cujo ensinamento é indireto, ou são ampliações épicas de êxitos memoráveis. Há também poemas e hinos, refrões e leis transitórias, cujo caráter é preciso saber reconhecer.

É preciso ler o Antigo Testamento iluminado e corrigido pelo Novo Testamento. No Sermão da Montanha Jesus fez uma releitura corretiva dos ensinamentos bíblicos existentes para lhes inculcar seu pleno significado (Mt 5, 17. 21 s.27 s.31-48).

“A Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada naquele mesmo Espírito em que foi escrita, para apreender com exatidão o sentido dos textos sagrados; deve-se atender com não menor diligência ao conteúdo e à unidade de toda a Escritura, levada em conta a Tradição viva da Igreja toda e a analogia da fé” (DV, 12).

Assim como a Bíblia se gestou no povo de Deus que meditou seus grandes acontecimentos e recordações, hoje é preciso lê-la buscando a coerência de seu conjunto, e não por textos isolados de seu contexto e época. É isto que a expressão “analogia da fé” significa. A própria Santíssima Virgem Maria entendeu gradualmente a revelação que culmina com seu Filho Jesus, o Messias ou o Cristo (Ver Lc 2, 8-19.41-51).

Em face da complexidade de uma revelação de Deus transmitida por intermédio de seres humanos considerados hoje primitivos e pré-científicos, contamos com o Papa e os bispos em comunhão com ele, para nos dar uma interpretação autêntica da Bíblia e da Tradição da Igreja.

“O ofício de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiada unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo. Tal Magistério evidentemente não está acima da palavra de Deus, mas a seu serviço, não ensinando senão o que foi transmitido, no sentido de que, por mandato divino e com a assistência do Espírito Santo, piamente ausculta aquela palavra, santamente a guarda e fielmente a expõe. E deste único depósito da fé (o Magistério) tira o que nos propõe para ser crido como divinamente revelado” (DV, 10).

São João Batista de La Salle nos legou grande fidelidade ao magistério da Igreja com seu exemplo, em seu testamento:

"...recomendo-lhes antes de tudo, que sempre tenham absoluta submissão à santa Igreja, máxime nestes tempos calamitosos, e que, em testemunho desta submissão, não se separem no mais mínimo da Igreja romana, lembrando-se sempre que enviei dois Irmãos a Roma, com o objetivo de pedir a Deus a graça de que a Sociedade Ihe seja inteiramente submissa".

É costume de os Irmãos rubricarem com o martírio essa fidelidade quando for necessário. O mesmo pode ocorrer com os nossos cooperadores leigos.

6. A animação bíblica exigida pelo Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II assume o melhor da Reforma Protestante: "*É necessário que toda pregação eclesial, como a própria religião cristã, seja animada e regida pela Sagrada Escritura*" (DV 21). Portanto, devem animar-se da Bíblia para manifestar ao Verbo Encarnado as quatro vertentes da ação eclesial, que promovem o exercício de justiça e caridade, o *anúncio* missionário e profético, a *comunhão* fraterna e a *celebração orante* (diakonia, profecia, koinonia e liturgia). Assim a Igreja segue a Jesus Rei-servidor, Profeta, Pastor e Sacerdote.

Sem animação Bíblica:

1. A diaconia eclesial se torna serviço social natural e filantrópico carente de sentido evangelizador;
2. A função anunciadora e educativa da fé se permuta por um palavrório humano moralista e psicologista incapaz de encaminhar para a vida eterna;
3. A vida comunitária decai para relacionamentos humanos motivados na higiene mental, na produtividade coletiva ou em outros estímulos intrascendentes; e
4. A liturgia se reduz a ritos desvinculados dos fatos e das palavras que dão sentido aos símbolos mesmo sacramentais.

O objetivo em vista do Vaticano II não se reduz a promover a Bíblia e sua escuta comprometida, como mais uma ação dentre os diversos apostolados ou organizações pastorais. Trata-se de dar à Palavra de Deus na Bíblia seu lugar central e superior na Igreja, para que efetivamente seja "a esposa do Verbo Encarnado" (DV, 23). Este nível é o ápice do apostolado bíblico.

7. Animação bíblica da transformação social

Das mencionadas quatro funções da Igreja, o papel da Bíblia, ou seja sua influência positiva é óbvia no ministério da Palavra, na liturgia e na promoção da comunidade eclesial descrita em *Lumen Gentium*. A diaconia cristã não se deve reduzir à ação assistencial que na Igreja Primitiva moveu os apóstolos a criar um ministério diaconal (*At 6, 1-6*).

Com o objetivo de superar a redução da caridade à esmola, desde Leão XIII, em 1891, os Papas e os Bispos, quer sozinhos, quer coletivamente no Concílio, nas suas Conferências episcopais, em suas Conferências Gerais Continentais ou em sínodos, têm elaborado a doutrina social da Igreja. Lamentavelmente, essas conferências circulam entre sociólogos, antropólogos da cultura, economistas e dirigentes sociais e políticos bem informados, mas não entram no patrimônio do comum dos fiéis. Essa doutrina se tem formulado em termos filosóficos e teológicos para induzir convicções entre os governantes, legisladores e especialistas em ciências sociais, expondo temas como a pessoa humana e seus direitos, a promoção da família e da vida humana, a função do Estado em face do bem comum, as condições de justiça das empresas, a promoção e

a associação dos trabalhadores, os relacionamentos internacionais. Os fiéis cristãos do povo simples não vêem a relação entre esses temas e sua fé em Jesus, em Maria Santíssima, ns seus sacramentos e devoções.

A chave para preencher o hiato entre a doutrina e a ação social da Igreja e o comum dos fiéis, é sua animação bíblica cristocêntrica.⁴ Convém aqui oferecer algumas pistas iniciais, porque o tema é vasto, por exemplo, caso se quiser enriquecer com os ensinamentos sociais, culturais e políticas do Antigo Testamento.

É preciso mostrar Jesus como profeta, cuja palavra é difícil aceitar pelos interessados no prestígio mundano (*Ver Jo 7, 1-5*). Eles o odeiam porque desmascara a maldade (*Jo 7, 7; 15-18s.*). Os apegados ao poder ocultam a verdade com a opinião das maiorias e dos poderosos (*Ver Jo 7, 45-48*), buscam argumentos para manhosamente acusar (*Jo 8, 3-6*); apóiam-se na legalidade em vez de aceitar a verdade (*Jo 9, 13-16; 19, 7*); pretendem saber a verdade de antemão, insultam e abusam de seu poder, em vez de se renderem à evidência (*Jo 9, 24-34*) defendem seu poder disfarçando-o em bem comum (*Jo 11, 47-50*). A rejeição da verdade leva a aprisioná-la (*Jo 7, 32; 18, 12*) e a violência assassina (*Jo 8, 37-40*). O interesse para possuir se mimetiza com aparências de bem. O apego excessivo ao próprio prestígio social e o temor dos poderosos impedem reconhecer publicamente a verdade. O temor da opinião pública pode fazer com que um discípulo negue a verdade. O apego ao poder pessoal pode fazer rejeitar a autoridade legítima, virar as costas à verdade, descarregar em outros a própria responsabilidade na injustiça, e fazer condenar a condenar sabendo um inocente. Rejeitar a mensagem do amor leva ao homicídio (*1Jo 3, 11-15*).

Aqueles que forem fiéis à palavra de Jesus alcançarão a liberdade e a vida eterna. Para aqueles que aceitam a verdade os poderes humanos perdem a importância. Aquele que se deixa interpelar por Jesus se liberta de angústias e pode anunciá-lo a outros como Madalena, ou lançar-se na água como Pedro. Aquele que aceita pela fé a Jesus como Palavra e Filho de Deus vence o mundo. Jesus Cristo, o *Fiel e Verdadeiro*, cujo nome é a *“Palavra de Deus”* vence os poderes mundanos que atuam como falsos profetas. Como se vê, a verdade é o primeiro tema desafiante da doutrina social católica.

A transformação que Jesus Cristo traz refere-se também às culturas. Jesus encarna seu ensino na cultura de seus ouvintes. Apela à sua observação da natureza: A água da vertente, o renascer primaveril, as árvores boas e as árvores más, as sementeiras e as colheitas, os ninhos dos pássaros, o brilho do sol, as árvores, os sinais climáticos, os sentimentos dos cães, a ação das feras carnívoras, o funcionamento do corpo humano, a fome e a sede, os coxos, os manetas, os encurvados e os coxos curados, o sono e a morte, as dores do parto e a alegria de dar à luz, os brinquedos das crianças nas praças, a comunicação em família dos acontecimentos felizes, os costumes nos casamentos, os uso de adornos, a organização de uma festa, o destino da matéria excretada, a caiação das sepulturas, a preferência pelos conterrâneos sobre os estranhos...

Além disto, Jesus assume os costumes religiosos corretos: Faz peregrinações a Jerusalém; celebra a Páscoa e outras festas, como a das tendas e a dedicação do templo. Corrige as práticas religiosas más: o indevido afã de milagres; as esmolas ostentosas; as orações aparatosas; os je-

⁴ Ver García Ahumada, FSC, *E. Situación y prpuestas para uma catequesis social liberadora*. “Catecheticum” 5 (Santiago de Chile, 2002) 109-124.

juns exibicionistas; o legalismo no culto; a religião puramente exterior. Emenda a soberba religiosa pela humildade, o rigor na observância pela misericórdia, e muda a religião lúgubre pela alegria de estar com Deus. Confronta as carências populares com a revelação divina.

Mas, no âmbito social Jesus questiona e ensina a questionar. Desperta a capacidade crítica e propõe critérios de discernimento. Conduz o diálogo para fazer pensar no mais importante. Ajuda a distinguir a aparência e a realidade, o durável e o passageiro, o terreno do eterno, o importante do secundário, ainda que seja válido, o valor da pessoa acima do mundo material, o apreço dos homens e o de Deus. Alerta ante a despreocupação, os louvores humanos, os ensinamentos distorcidos. Critica, mas ensina em que melhorar. Corrige com precisão os erros. Compara os maus costumes públicos com o que agrada a Deus. Para situações difíceis assinala procedimentos necessários, como a excomunhão. Respeita com paciência a liberdade, mas deixa claras as responsabilidades de consciência. Avalia bons êxitos e frustrações. Prepara seus discípulos para as dificuldades e a dor. Motiva a aceitar o sofrimento diário. Em vez de fazer propaganda hedonista, anuncia os padecimentos que advirão àqueles que o seguem, mas os alenta com a esperança da vida eterna.

Jesus se identifica com os pobres e com as vítimas das injustiças do mundo. Nasce pobre num estábulo, sofre perseguições e exílio, vive alegrias familiares e conflitos. Cresce num lugar sem renome algum. Os vizinhos se estranharam de sua sabedoria quando começou a ensinar, ainda que conhecessem sua família, seu ofício de carpinteiro, aprendido com muito interesse, sem mais estudos, nem viagens que o acostumassem com seu povo. Tem autoridade ímpar porque sabe de onde veio e para onde vai. Faz da autoridade um serviço. Não monopoliza a autoridade, e também valoriza a dos outros, como a dos sacerdotes que devem certificar a cura dos leprosos, os mestres da lei, João Batista, outros discípulos que fazem o bem sem serem do grupo próximo dele. Recusa-se intervir naquilo que não lhe compete. Impede que o afastem dos pequenos, das crianças e dos necessitados. Rejeita influências indevidas, apelando a princípios e à prioridade de sua missão. Aceita influências razoáveis e justas, a intercessão de sua mãe e de seus amigos, e, inclusive a pressão, quando os motivos são justos.

Aperfeiçoa a sociedade a partir dos relacionamentos pessoais pela regra de ouro. Atrai mediante o amor. Supera irritações pela reconciliação, o mútuo entendimento e a correção fraterna. Alivia o peso das obrigações com sua companhia e seu exemplo. Proclama felizes as multidões de pobres, pacientes e sofredores, prometendo-lhes o céu e a terra, isto é, tudo. Promete a bem-aventurança àqueles que buscam a justiça, se compadecem dos outros, mantêm intenções puras e trabalham pela paz. Anima com promessas. Felicita em público e em particular.

Promove a família mediante a fidelidade, a tolerância mútua, a unidade, a união. Favorece o respeito e a ajuda aos pais. Ao morrer, cuida que sua mãe não fique sozinha. Dá importância ao acariciar, respeitar, acolher, dar bom exemplo às crianças e levá-las a Deus. Atende as crianças mas as devolve a seus pais. Encarrega comunicar primeiramente a família os benefícios de Deus. Subordina os relacionamentos familiares à união com Deus e à prática de sua palavra.

Jesus adota como exemplo os usos sociais: a distinta relação familiar dos filhos e dos escravos, a alforria legal dos escravos, os costumes domésticos, a ansiedade de comunicar alegrias, a cortesia nos banquetes, a boa atenção prestada às visitas, a prudência dos convidados, a previsão nas damas de companhia, a insensibilidade social dos opulentos, os filhos caprichosos, os jovens rebeldes e pródigos, a busca da obscuridade dos malfeitores, os procedimentos dos ladrões e dos salteadores, os casados que querem separar-se, as prostitutas arrependidas, a solidão dos enfermos e dos presos.

Jesus forma líderes. Desperta interesse pelo aumento de operários dedicados à salvação do próximo. Chama seus ouvintes de luz do mundo e sal da terra, caso fizessem boas obras. Escolhe colaboradores. Escolhe livremente a alguns para serem seus apóstolos. Aceita todos os que o seguem por própria iniciativa, ainda que encaminhe a alguns deles de acordo com seus dotes ou habilidades. Chama como líderes a pessoas de toda condição e mentalidade: pescadores, o jovem João, Mateus, o cobrador de impostos, Simão, o zelote. Dedicava tempo preferencial para formá-los. Infunde-lhes despreendimento, prontidão, diligência e perseverança, espírito de serviço gratuito, e de confiança no Espírito Santo. Ensina virtudes que qualquer líder deve desenvolver: auto-domínio, auto-estima, hábito de acolhida, espírito servicial, previsão, coragem nas decisões, prudência, flexibilidade, sentido organizativo, preocupação para o desenvolvimento do próximo. Faz com que analisem criticamente as opiniões das pessoas. Outorga gradualmente responsabilidades: começar por relatar em família os benefícios de Deus. Primeiro faz que seus discípulos batizem; e logo escolhe doze para pregar e efetuar curas, depois envia outros 70, em duplas, para uma pregação preparatória. Apóia uma iniciativa ingênua de Pedro e lhe ajuda a realizá-la. Aceita cooperação de outros antes de atuar. Ao confiar responsabilidades, dá indicações exatas: explica aonde ir e aonde não ir, o quê dizer, quais atitudes adotar, o quê fazer, quais apegos e quais distrações evitar, como atuar de acordo com a acolhida. Previne ante as dificuldades, explica como superar o temor, e promete seu apoio pessoal. Finalmente retira-se entregando responsabilidade total a outros, ainda que os mantenha em sua companhia espiritual.

Jesus desperta a consciência das realidades econômicas, especialmente as necessidades dos pobres. Menciona a varredura da casa para achar uma moeda perdida; o fabrico do pão, o remendo da roupa, o envelhecimento do vinho, o abono dos frutos, a poda para aumentar a produção, a diferença entre ceifa e rastejo, o incho nas colheitas, o arrendamento de campos ou terra, a competição desleal entre agricultores, o cuidado do gado menor; o pasto dos animais comparado com o alimento para trabalhadores, a pesca de arrasto, a seleção de mercadorias, os alicerces das construções, o desemprego e o contrato dos diaristas, o contrato de temporários, o duplo emprego, a diferença entre o trabalho familiar e o trabalho assalariado, os contratos de arrendamento, a administração caseira, a recontagem dos haveres domésticos; a boa e a má administração de pessoal; a administração fiscal, a promoção dos bons funcionários, o tratamento merecido dos descumpridores, os bons prestamistas e os bons patrões, a fraude administrativa, o cálculo de orçamentos, as vantagens comparativas de investimentos, as práticas empresariais; os capitais improdutivos, os depósitos bancários, o encarceramento por dívidas, a escravidão, a exploração, especialmente do pobre.

Jesus atrai a atenção sobre as responsabilidades dos governos, a oposição ao governante, os impostos abusivos, a tirania, as campanhas de castigo, os abusos dos juizes, o procedimento correto de investigação judicial, os funcionários dos trâmites de processos, as guerras civis, a diplomacia. Jesus sabe negar respeito à autoridade indigna, e defender seus direitos. Exige responsabilidade do governante injusto. Desqualifica a solidariedade de grupos separada do querer de Deus. Censura os funcionários descumpridores de seus deveres. Critica os ensinamentos dos que se sentem mestres e modelos. Adverte os ricos acerca de seus erros. Acata as leis de Israel, mas as aperfeiçoa, levando-as a suas últimas conseqüências.

Uma olhada consciente na problemática social para a Santíssima Virgem Maria no Novo Testamento, corrige a imagem de uma mulher passiva silenciosa e afastada dos acontecimentos públicos, onde ela foi confinada pela distorção mental daqueles que sustentam um injusto predomínio masculino no mundo. Maria Santíssima só é escrava, serva, de Deus, mas ela o proclama libertador dos oprimidos. Teve a coragem, a fortaleza, de manter-se de pé junto da cruz quando quase todos os discípulos haviam fugido. Uma interpretação legítima do capítulo 12 do Apocalipse vê na mulher radiante de graça coroada de doze estrelas que dá à luz o Messias, não

somente o povo das doze tribos de Israel, nem somente a Igreja dos doze apóstolos, mas também a Maria protegida por Deus com asas de águia, cujos descendentes, “*os que obedecem aos mandamentos de Deus e continuam fiéis ao testemunho de Jesus*”(Ap 12, 17), com ela, que os representa como figura da Igreja militante e vigorosa, fazem guerra ao dragão do mal pela salvação da humanidade.

Convém agora explicar as formas de pastoral bíblica em sua relação com a ação do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

8. A evangelização da cultura acadêmica

Em nossas comunidades educativas já é normal iniciar toda classe de reuniões cotidianas e solenes com uma proclamação bíblica e oração; de culminar etapas formativas com alguma celebração da Palavra, se não for com a Celebração Eucarística. E assim como o hasteamento da bandeira nacional com o hino pátrio faz parte do cerimonial escolar, o pós-concílio incentivou a incorporação da proclamação da palavra bíblica seguida de um momento de oração como sinal da identidade da escola católica em atos culturais, sociais e esportivos. Para não perder a oportunidade de mover os corações, na seleção dos textos importa ser “*prudentes como as serpentes e simples como as pombas*”(Mt 10, 16). É importante que a Palavra de Deus oriente a vida de cada comunidade e, quanto possível, de cada pessoa. Isto deve chegar também à escola como espaço eclesial.

Se o projeto educativo lassalista for formar personalidades cristãs, unindo a fé com a cultura e com a vida dos educandos é básico que eles aprofundem aprendizagens em que se unam ciência e fé, arte e fé, técnica e fé, não de modo aparente ou artificial e imposto, mas em profundidade. Para isto, além da formação apostólica dos docentes é indispensável oferecer-lhes suficiente formação bíblico-teológica, não só ilustrativa mas também contemplativa (*Sl 148, 4s*). Isto é parte do dever atual da Congregação, da qual os Irmãos temos que dar contas a Deus.

A fundamentação da evangelização da cultura acadêmica não é somente bíblica, mas é também tributária de uma tradição cada vez mais madura de educação lassalista, concebida como apostolado cotidiano e não apenas como transmissão servil da cultura científico-técnica.

O primeiro requisito para evangelizar a cultura científica é evitar falsos problemas de incompatibilidade com a fé, mediante uma adequada compreensão da revelação salvífica contida na Bíblia. Esta contém a revelação religiosa de *que* o mundo depende de Deus Criador, e não pretende explicar *como* surgiu, como a matéria se organizou e evoluiu, temas estes de investigação livre para os cientistas. Não pode haver contradição entre a verdade revelada que se refere à salvação, e a descoberta pela razão que se refira a outros temas, pois ambas procedem de Deus. Uma fala do *porquê*, e a outra do *como* é o mundo. Para isso é indispensável um domínio suficiente da interpretação católica da Bíblia, da qual se falou acima.

A um professor de ciências cabem quatro tarefas se com elas quiser formar cristãos. A primeira é seu testemunho de comportamento como cristão educador: seu empenho em levantar a auto-estima dos alunos considerados menos capazes do que são (*Ver Mt 6, 26; 25, 14s*); sua criatividade metodológica para efetuar aprendizagens até mesmo nos menos dotados (*ver Eclo 6, 32; 14, 20-22*); sua prática das virtudes do bom mestre, as quais o santo Fundador transpõe as “doze” em suas meditações, começando pela caridade e a justiça.

A segunda tarefa indispensável do cristão ao ensinar ciências com espírito de fé, é transmitir certas convicções filosóficas e teológicas relacionadas com o quefazer científico: superar o mate-

rialismo ao qual conduz a supervalorização das ciências experimentais (*ver Eclo 1,1*), assinalar os limites de toda ciência por ter um objeto de estudo preciso e não global; fazer reconhecer o caráter aproximado dos padrões científicos de explicação, os limites de validade das leis científicas, o cunho provisório das teorias, a incompetência da experimentação para resolver questões filosóficas, tais como a validade do método da própria ciência, a existência de Deus, a espiritualidade da alma humana e outras; reconhecer o caráter ordenado e caótico do cosmos (*Jr 5, 15; Sb 11, 17.20b*) que permite seu estudo metódico; a capacidade correlativa da inteligência humana de conhecer progressivamente o mundo natural a partir dos dados do conhecimento humano; conhecimento sensorial; saber experiencial que combina assistematicamente deduções, induções e valorizações, podendo, inclusive, alcançar grande sabedoria da vida em analfabetos; conhecimento científico experimental; conhecimento matemático; ciência da lógica; intuição empática ou psicológica; intuição estética; intuição ética; intuição religiosa natural; saber ontológico e filosófico; fé religiosa; teologia; contemplação infusa mística; visão beatífica dos santos na vida eterna.⁵

A terceira tarefa do professor de ciências animado de justiça e de caridade evangélicas, é comunicar a ética científica: o amor à busca honesta da verdade (*Ver Pr 2, 3s; 25, 27; Eclo 3, 25; Jo 7, 24*), a responsabilidade social do investigador (*Eclo 37, 22s*), o uso das ciências para o bem da humanidade, o respeito à vida humana desde a concepção, a fundamentação humanista e não idolátrica da ecologia, o perigo do uso da ciência com mentalidade individualista (*Ver Is 47, 10*), economicista, agressiva, depredadora, hedonista, inumana.

A quarta e culminante tarefa do professor animado do espírito de fé cristã é fazer descobrir a presença e a ação de Deus em tudo: mostrar a compatibilidade entre a criação divina e o processo de expansão do universo com a evolução das espécies vivas; fazer admirar a Providência Divina no delineamento dos seres vivos e em sua adaptação às condições ambientais, e muitas outras reflexões suscitadas por sua experiência de fé ao estudar e investigar.

Cabe também à escola cristã evangelizar a cultura artística. A base das artes literárias é aprender a expressar-se com decência (*Ver Ef 4, 29.31; Cl 3,8*) e com bom gosto (*Cl 4, 6*). O santo Irmão Miguel não perdia oportunidade de apresentar como exemplos gramaticais pensamentos educativos e religiosos. A bela *Carta aos Artistas* de João Paulo II, em 1999, é sugestiva para os educadores das mais diversas artes. O educadores de artes literárias, plásticas, musicais e outras, devem não apenas empregar critérios estéticos, mas também éticos e religiosos para educar a totalidade da pessoa (*Ver Fl 4,8*) porque com linguagens expressivas se podem transmitir mensagens destrutivas. Na história das artes existe uma enorme riqueza de obras plásticas, literárias, musicais e cinematográficas de inspiração bíblica que merecem uma presença relevante e significativa e uso útil na educação cristã.

O professor de História, se for cristão, fita e faz fitar a história humana em sua relação harmônica ou conflitante com a história da salvação iniciada na Bíblia, que passa pelo hoje pelo qual somos responsáveis, e prossegue até a Parusia no projeto de Deus. Na Bíblia se encontram numerosos ensinamentos para ajuizar a história humana com os critérios de Deus (*2Cr 35, 26; 36, 8.9.11s; Mt 20, 25-28; Lc 1, 50-55; Ap 1-17; 8, 1, ...*) Os professores anti-católicos servem-se destramente da história para atacar a Igreja; mas, na escola católica, nem sempre ela é ensinada de um modo que capacite para estar “*preparados para dar a razão da nossa esperança*” (1Pd 3, 15) com bom conhecimento dos méritos e dos pecados da Igreja na história.

⁵ Ver GARCÍA AHUMADA, FSC., E. *Teología de la educación*. Santiago, Tiberíades, 2003, 168-208. Contato em www.tiberiades.cl

Evangeliza-se a cultura física ao considerar o próprio corpo e o corpo do outro como templos de Deus, sacrários chamados à ressurreição, sem idolatrar a beleza física nem a própria aparência, nem fazer do ventre um Deus. A fé educa a sexualidade em função da fidelidade no amor, quer seja ao cônjuge definitivo, quer seja ao Senhor a quem se consagra. A fé adentra o corpo para o esforço e para suportar carências, para defender-se sem violência desnecessária, para pô-lo a serviço da mente e das outras pessoas. Faz cuidar do corpo pela recreação, o descanso, o lazer, o asseio, a alimentação apropriada, sem excessos na bebida, nem uso de tóxicos, na busca do desenvolvimento harmônico da personalidade.

No ensino técnico, onde os alunos estão pouco habituados à reflexão humanista, são necessários esforço e criatividade particulares para infundir atitudes cristãs em face das técnicas, de seu instrumental e da cultura industrial. Devem adquirir a consciência de estar cumprindo o mandato do Criador: “*Enchei a terra e submetei-a*”(Gn 1, 28). Podem compreender o sentido tão atual da expressão parabólica: “*O Senhor Deus tomou o homem e o colocou no Jardim do Éden, para o cultivar e guardar*”(Gn 2, 15), e oferecer cada dia seu trabalho para a glória de Deus (*Sl 104*). Podem igualmente descobrir a importância da doutrina social da Igreja a partir da santificação do trabalho por Jesus carpinteiro, apreciar sua afirmação de que “*o trabalhador tem direito a seu salário*” (Lc 10, 7), que não lhe deve ser postergado, nem reduzido, porque esse salário deve sustentar uma família. Podem valorizar a organização trabalhista e sua capacidade de ação representativa a partir dos textos narrativos mais que teóricos (*Ex 5, 10-16*). Mediante textos bíblicos simples e claros podem descobrir que Deus é seu defensor (*Ml 3,5, 1-6*). No ensino religioso nos estabelecimentos técnicos convém que os alunos aprendam aquilo que mais acima foi exposto sobre a animação bíblica da transformação social.

9. A animação bíblica na oração

A Federação Bíblica Católica promove uma forma de oração bíblica, conhecida como *lectio divina*, tomada da tradição dos monges medievais que se alimentavam espiritualmente pela Sagrada Escritura. Uma de suas versões mais difundidas consiste em responder a quatro perguntas depois da leitura pessoal ou da proclamação comunitária de uma passagem bíblica.

Primeira: *O quê diz este texto?* Este passo metódico exige prestar atenção à própria letra da passagem, dando importância ao que diz, evitando interpretações apressadas e caprichosas. Há pessoas que ao ouvirem ou lerem um texto logo trazem uma preocupação para a qual dizem encontrar resposta sem sequer haverem lido ou ouvido bem a perícopes. Tiram conclusões subjetivas, com o perigo de atribuir à palavra de Deus o que Deus não disse, ou o contrário daquilo que Ele disse. As edições católicas da Bíblia trazem notas ao pé da página, que ajudam a compreender o texto em si e em seu contexto ou entorno literário. As edições protestantes, ainda que costumem ser traduções profissionalmente bem feitas, não trazem explicações históricas nem literárias, porque supõem que o Espírito Santo ilumina a cada leitor; mas não conseguem evitar as constantes subdivisões de suas igrejas, em grande parte, devidas à variedade de interpretações. Isto não nega a existência de excelentes exegetas protestantes. Trata-se aqui do bom uso da Bíblia ao orar com ela.

A segunda pergunta é: *O quê o Senhor me diz neste texto?* Uma vez esclarecido o sentido das palavras em particular e em seu conjunto, e não antes, inicia o momento religioso. Busca-se na passagem lida uma mensagem para a vida pessoal,

A terceira pergunta: *O quê direi eu ao Senhor que me fala?* A palavra de Deus inicia um diálogo. Não é simplesmente um discurso para adquirir cultura. É um apelo à sinceridade, à amizade, à familiaridade. É o momento de expressar-lhe os sentimentos que desperta. A Bíblia é o

grande livro de oração do Povo de Deus. Ali Deus se dá a conhecer, mostra seu projeto sobre o mundo e sobre cada pessoa, e pede uma resposta. Ali conhecemos o que Deus fez na história, e a cada um cabe uma responsabilidade. Ao amor de Deus mostrado de múltiplas maneiras é preciso responder com amor. Assim a leitura dá passo à oração.

A última pergunta é: *O quê farei agora?* A resposta ao Senhor não deve ficar em palavras e sentimentos. Algo tem que mudar em mim. Hoje eu mostrarei isto com fatos.

Por sua parte, a oração lassalista é essencialmente bíblica. Consiste no habito de viver na presença de Deus, com a ajuda de textos da Sagrada Escritura que mostram diversas maneiras dessa presença. Jesus Cristo vivia na presença de Deus Pai, animado pelo Espírito Santo. O senhor De La Salle não pretendeu exaurir a enumeração das maneiras da presença de Deus nem fazer uma recontagem exaustiva dos textos bíblicos referentes a ela. Além disto, se apelarmos a textos da Igreja, podemos ampliar as maneiras de considerar Deus presente para viver em espírito de fé.

1. Deus está presente no lugar onde nos encontramos, porque está em toda parte. *“Pode alguém ocultar-se em algum lugar onde eu não possa vê-lo? Acaso não sou eu quem ocupa todo lugar tanto no céu, como na terra? – oráculo do Senhor”*(Jr 23, 24). *“Para onde irei longe do teu espírito? Para onde fugirei da tua presença? Se subo ao céu, lá estás; se desço ao abismo, aí te encontro. Se utilizo as asas da aurora para ir morar nos confins do mar, também lá tua mão me guia e me segura tua mão direita”* (Sl 139, 7s).
2. Deus está presente na natureza dando existência e vida. *“O Senhor é o meu pastor, nada me falta. Ele me faz descansar em verdes prados, a águas tranqüilas me conduz”* (Sl 23, 1). *“Se eu tiver de andar por vale escuro, não temerei mal algum, pois comigo estás, Senhor”* (Sl 23, 4). *“Louvai o Senhor nos céus, louvai-o nas alturas. Louvai-o vós todos, seus anjos, louvai vós todos seus exércitos. Louvai-o sol e lua, louvai-o vós todas, estrelas brilhantes”*. (Sl 148, 1-3). Todo o salmo 148, mostra Deus presente na natureza, e em toda criação.
3. Deus está presente em nós dando-nos a vida natural. *“É Deus quem dá a todos vida, respiração e tudo mais”* (At 17, 25). *“Em Deus vivemos, nos movemos e existimos”*(At 17, 28). *“Somos a linhagem de Deus”* (At 17, 28). *“Não me afastes de tua presença nem me tires teu santo espírito”* (Sl 51). *“Ainda embrião teus olhos me viram e tudo estava escrito em teu livro; meus dias estavam marcados, antes que chegasse o primeiro”* (Sl 139, 16)
4. Deus está presente no templo por ser a casa de oração. *“Este é um lugar muito sagrado. Aqui é a casa de Deus; é a porta do céu”* (Gn 28, 17). *“Tua bondade e teu amor me acompanham ao longo de meus dias, e em tua casa, ó Senhor, para sempre habitarei”* (Sl 23, 6). *“Minha casa será declarada casa de oração para todos os povos”* (Is 56,7)
5. Deus está em nosso corpo como em seu templo. *“Acaso, não sabeis que sois templo de Deus, e que o Espírito de Deus vive em vós?”* (1Cor 3, 17). *“Não sabeis que vosso corpo é templo do Espírito Santo que Deus vos deu, e que o Espírito Santo vive em vós?”* (1Cor 6, 19).
6. Deus Trindade está em nós por sua graça. *“Se alguém me amar, guarda meus mandamentos; meu Pai o amará e viremos a ele e faremos nele nossa morada”*(Jo 14,

- 21). *“Permaneço unido a mim, como eu permaneço unido a vós. Um ramo não pode dar boas uvas por si mesmo, se não estiver unido à videira; do mesmo modo, vós não podeis dar fruto se não permanecerdes em mim”* (Jo 15, 4).
7. Jesus Cristo está presente no pobre e no necessitado. *“Recebi em herança o Reino que meu Pai vos preparou desde a criação do mundo! Pois estava com sede, e me destes de beber, eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; na prisão... (Mt 25, 34-36). “Eu lhes asseguro que tudo que fizerdes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40) “Quem receber em meu nome uma criança como esta, a mim recebe” (Mt 18, 5)*
 8. Jesus Cristo está presente lá onde dois ou três estiverem reunidos em seu nome. *“Onde dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18, 20). “Não vos deixarei órfãos; voltarei para estar convosco” (Jo 14, 18).*
 9. Jesus Cristo atua com sua graça na celebração dos sacramentos, conforme ensina o Concílio Vaticano II. *“Cristo está presente na ação litúrgica. Está presente com sua virtude nos sacramentos” (SC 7)*
 10. Jesus ressuscitado está presente de um modo particular na Eucaristia. *“Me Pai é quem vos dá o verdadeiro Pão do Céu. Porque o pão que o Pai vos dá, é aquele que desceu do céu e dá vida ao mundo” (Jo 6, 32). “Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim, nunca mais terá fome, e aquele que crê em mim, nunca mais terá sede” (Jo 6, 35). “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, vive unido a mim, e eu vivo unido a ele. O Pai que me enviou, tem a vida, e eu vivo por ele; da mesma maneira, aquele que se alimenta de mim, viverá por mim” (Jo 6, 56).*
 11. Deus está presente em seus enviados e representantes. – *“Quem vos receber, recebe a mim; e aquele que a mim recebe, recebe aquele que me enviou” (Mt 10, 40)*
 12. Deus está atuando na Sagrada Escritura. – *“Em sua Palavra, é Ele quem fala” (SC 7)*
 13. O Espírito Santo está no mundo estendendo o reinado de Deus. *“O Reino de Deus já está no meio de vós (Lc 17, 21). Esta afirmação permite olhar a história em curso com os olhos da fé para descobrir sinais da presença de Deus ou da rejeição de Deus.*

É possível ainda encontrar outros modos de estar com Deus presente, que diversificam nossa atenção constante a ele.

Para São João Batista de La Salle a Bíblia, antes de tudo, é o livro para orar em diálogo com Deus que fala nela. Aprender a orar é aprender a responder a Deus com palavras e ações. Ele nos diz o seguinte:

“Para os que querem viver piedosamente e praticar a virtude, é coisa admirável e de grande utilidade meditar amiúde as santas e sublimes máximas da Sagrada Escritura. Elas superam tudo o que o espírito humano pode conceber por si só. Com efeito, a Escritura aclara o espírito com a luz divina, que, conforme diz São João, ilumina a todo homem que vem a este mundo, e, conforme a palavra de São Paulo, além disso contém “as ordens do Senhor”. Por isso, a meditação que dela se faz, anima a praticá-las” (Med. 192, 2).

Desde que se ativou, no Instituto a partilha de nossa espiritualidade com os leigos, está-se ensinando a eles o método de oração de São João Batista de La Salle, pensado para pessoas apostólicas muito atarefadas. Como sabemos, esse método não é uma lei a cumprir sempre ao pé da letra, mas uma ajuda, assim como o método para aprender a tocar um instrumento musical, que se abandona tão logo se saiba tocar. Em sua publicação póstuma, denominada *Explicação do Método de Oração Mental*,⁶ o santo Fundador inicia dizendo:

“A oração mental é uma ocupação interior; isto significa, uma aplicação da alma a Deus...É uma espécie de aprendizagem e antegoço daquilo que deverá realmente fazer durante toda a eternidade. É por este motivo que se define a oração mental como *uma aplicação da alma a Deus*”.

Essa oração consta de três partes. A primeira é o *recolhimento ou concentração preparatórios para a oração*. É a disposição da alma para a oração.

“A primeira coisa que se deve fazer na meditação, é compenetrar-se interiormente da santa presença de Deus, e isto sempre se deve fazer mediante um sentimento de fé, fundado sobre uma passagem tirada da Sagrada Escritura”.

Isto se faz sem muitos raciocínios, preferindo afetos, uma vez que se trata de crescer no amor de Deus. O ideal é chegar ao ponto de ocupar-se em Deus mediante simples atenção a Ele. No amor, as palavras são boas, mas pode haver comunicação intensa, bastando para isto a mútua presença amorosa, que vem a ser uma meta desejável. Às vezes, “Deus outorga a graça de raras vezes cessar a recordação da sua presença, ou mesmo de nunca a interromper, ó que vem a ser uma antecipação da felicidade do céu”. – Em seguida, compenetrado da presença de Deus, fazem-se tranqüilamente os seguintes atos, ou expressões de sentimentos. Exemplos:

- A. Referentes a Deus: FÉ: Crer firmemente em Deus presente. – ADORAÇÃO: reconhecer com profundo respeito a Deus, como nosso Criador e soberano Senhor. - AGRADECIMENTO: manifestar gratidão a Deus por sua amorosa companhia.
- B. Referentes a nós mesmos: HUMILDADE: reconhecer o gozo dessa atenção gratuita de Deus a nós. – CONFUSÃO: reconhecer os pecados e transgressões cometidos contra Deus, que é tão bom. – CONTRIÇÃO ou arrependimento: pedir perdão, com o propósito de não reincidir, com a ajuda de Deus.
- C. Referentes a Jesus Cristo Nosso Senhor: APLICAÇÃO dos méritos de Nosso Senhor e de sua intercessão junto de Deus Pai para obter a purificação. – UNIÃO às atitudes e disposições de Jesus em sua oração ao Pai – INVOCÇÃO DO ESPÍRITO de Nosso Senhor, para que Ele anime a nossa oração.

Para deixar tempo àquilo que segue, podem fazer-se esses Atos “de forma reduzida e com poucas palavras”, ou ainda, “integrar num único sentimento interior todos eles”, ou ainda, “limitar-se unicamente ao ato da presença de Deus e ao de adoração... omitindo os outros”.

A segunda parte é a *aplicação ao assunto da oração*. Aqui o orante pode concentrar-se em algum mistério da nossa fé, particularmente de Nosso Senhor, como sejam: a Encarnação no ventre da Santíssima Virgem Maria, no seu Nascimento, no Batismo, na Transfiguração, na Última Ceia e Instituição da Eucaristia, na Paixão, Morte, Ressurreição, Ascensão ou Envio do

⁶ Dessa obra são tomados os textos entre aspas da exposição que segue.

Divino Espírito Santo; ou aplicar-se a algum mistério da ação de Deus em Maria Santíssima, como sejam: a Imaculada Conceição, a Visitação de Maria à sua prima Isabel, algum ato de Maria na vida pública de Jesus, sua Assunção; alguma das virtudes de Jesus Cristo, de Maria ou de algum santo; ou aplicar-se a algum ensinamento ou uma simples máxima do Senhor no Evangelho, ou fixar-se num texto bíblico, litúrgico, eclesiástico, ou de algum santo.

Podem fazer-se também breves reflexões continuadas por longo tempo, recordando os ensinamentos da Bíblia ou da Igreja ao respeito com grande reverência, que “se advertem com admiração e assombro quando se presta profunda atenção a eles”. Podem também ser omitidas as palavras, realizando novos atos ou atitudes de afeto, como os seguintes:

- A. Referentes a Nosso Senhor. FÉ: crer firmemente que Deus atuou para nosso bem mediante esse mistério, virtude ou máxima meditada, ou “conversar com a Santíssima Virgem Maria” sobre isso. – ADORAÇÃO: Render homenagem a Deus com grande admiração e respeito pela obra salvadora que realiza. – AGRADECIMENTO: expressar gratidão a Deus por sua bondade nesse mistério, virtude ou máxima.
- B. Referentes a nós mesmos. CONFUSÃO: reconhecer as vezes e as formas em que se afastou do espírito do mistério, virtude ou máxima sobre a qual se medita. – CONTRIÇÃO: pedir perdão por essas faltas, omissões ou pecados, prometendo emendar-se com a ajuda de Deus. – APLICAÇÃO para tirar proveito desse mistério, virtude ou máxima, buscando os meios apropriados para conduzir-se segundo esse espírito, tomando resoluções que sejam presentes, particulares e eficazes.
- C. Referentes a Deus e aos santos. – UNIÃO às atitudes e disposições de Jesus nesse mistério, virtude ou máxima, para adquirir seu espírito e levá-lo à prática. – PEDIDO a Deus Pai, com confiança filial na graça do seu Espírito, para participar desse mistério, virtude ou máxima. – INVOCAÇÃO DOS SANTOS da própria devoção para que intercedam e supram os defeitos dessa oração.

Não é preciso “empenhar-se em fazer fotos os Atos da segunda parte na mesma oração, mas dois ou três, ou mesmo um único só... cuidando, porém, de tomar resoluções ou renovar as que tivessem sido tomadas anteriormente”.

A terceira parte é a *conclusão da oração*. Em breve tempo se fazem três atos:

REVISÃO do que foi feito, ou aconteceu, ou se percebeu na oração e “dos sentimentos que Deus nela nos comunicou, e que nos pareçam os mais práticos... passando logo as frutos que podemos tirar” – AGRADECIMENTO pelos favores recebidos de Deus na oração. OFERECIMENTO a Deus de nosso ser e de nossas resoluções para o dia, sempre invocando Maria Santíssima e os santos.

“Se acontecer que nos sintamos interior e afetuosamente atraídos a algo que não nos tínhamos proposto, como seja: o amor de Deus, para lhe testemunharmos nossa confiança, submissão, ou para lhe pedir confiante e instantemente algo para nós mesmos ou para alguém outro, ou para refletir sobre alguma palavra de Deus, devemos seguir esse atrativo ou outro semelhante segundo Deus, a fé e a perfeição do nosso estado. Devemos seguir esse sentimento, enquanto aprovar a Deus que dele nos ocupemos, por ser um indício que Deus nos pede isto no momento. A prova do agrado de Deus será sentida se ao sair da oração mental estivermos com uma afeição nova para bem cumprir nossos deveres, por amor de Deus e para lhe agradecer”.

Como se vê, o método de oração de São João Batista de La Salle é muito preciso; é de grande valia para aprender e saber o quê fazer na oração mental. Por outro lado, ele é muito flexível. Ainda que dê muita importância à Sagrada Escritura, não se bloqueia nela, e permite apelar a outros recursos da tradição espiritual cristã e universal.

10. A formação para a animação bíblica

Desde meados do século XX, as Universidades Católicas e os Institutos Diocesanos de Ciências Religiosas estão oferecendo estudos profissionais para preparar professores de ensino religioso escolar. Nota-se que nessas instituições, com frequência maior, se formam os Irmãos e os professores leigos de religião católica. Com essa formação, o apostolado bíblico lassalista aqui descrito se está tornando perfeitamente exequível.

Uma pesquisa realizada pelo autor deste Caderno em 2004, os Irmãos Provinciais da Região Latino-americana Lassalista mostra que, de maneira geral, os Irmãos da América Latina e do Caribe, hoje, em sua formação inicial se qualificam em ciências religiosas ou em teologia. Têm a formação bíblica que os capacita até para formar ministros da Palavra. Com maior razão, podem iniciar para a leitura vital da Bíblia aos pais de família e ao pessoal docente, administrativo e auxiliar de cada Centro Educacional caso se propuserem, para multiplicar as comunidades de fé em todos estados ou condições em que as escolas se podem encontrar, e otimizar seu caráter evangelizador.

É cada vez mais comum que nas dioceses, em conexão com o Instituto de Catequese, se dêem cursos para formar agentes de base na animação bíblica. Por outra parte, em cada continente existem alguns institutos formadores de biblistas, isto é, pessoas capacitadas para traduzir, interpretar e explicar os textos bíblicos, mas sua especialização não lhes dá competência para animação bíblica nem para organizá-la.

O Instituto Superior de Pastoral Catequética do Chile “Catecheticum”⁷ cofundado em 1992 pelos Irmãos das Escolas Cristãs, os Irmãos Maristas, os Salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora, a Fundação *Hogar Catequístico* e a Conferência Episcopal do Chile, agregado em 2001 à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, tem organizado a primeira Licenciatura em Ciências da Educação com Menção em Pastoral Bíblica. O estudante é merecedor de uma bacharelato em Teologia ou o Título de Professor de Religião Católica. Em dois anos, com uma plataforma tológico-pastoral, uma formação exegética, de ciências sociais e cursos metodológicas, com três práticas semestrais em terreno de crescente responsabilidade e tese de pós-título, capacita-se para formar animadores de pastoral bíblica, organizar e dirigir a animação bíblica da pastoral em nível de províncias religiosas, dioceses e conferências episcopais.

11. A animação bíblica da Igreja no mundo atual

Em Beirute, Líbano, de 3 a 12 de setembro de 2002, com uma mensagem papal,⁸ realizou-se a VI Assembléia da Federação Bíblica Católica (FEBIC), fundada em 1969 na Sede Apostólica, pelo Secretariado para a Unidade dos Cristãos para animar o pôr-em-prática do capítulo VI da Constituição *Dei Verbum*. O autor deste Caderno representou o Instituto Superior de Pastoral Catequética “Catecheticum” do Chile e a Casa Generalícia dos Irmãos das Escolas Cristãs, duas instituições que são membros associados da FEBIC. De acordo com o presidente concluinte da Comissão Executiva, *Mons. Cornelius Esua*, bispo de *Kumbo*, República dos Camarões, desde a

⁷ www.catecheticum.cl

⁸ “L’Osservatore Romano” em espanhol, 13 de setembro de 2002.

V Assembléia realizada em *Hong Kong* em 1996, a FEBIC aumentou em 28 membros e, entre membros plenos (conferências episcopais) e membros associados (instituições ativas em animação bíblica da pastoral) já contava com 306 entidades. O novo presidente da FEBIC, nomeado pela Sede Apostólica, *Monsenhor Vincenzo Paglia*, bispo de *Terni-Narni Amélia*, na Itália, presenteou a cada participante seu comentário do Evangelho segundo Lucas, escrito em apoio à *Lectio Divina*.

O teólogo chileno, *Pe. Pablo Richard* dissertou sobre “*Experiências pluralistas das primeiras comunidades cristãs segundo os Atos dos Apóstolos*”; o Professor *Theodor Khoury*, libanês que exerce sua atividade na Alemanha, sobre “*Abrão, uma bênção para todas as nações segundo as tradições judaica, cristã e islâmica*”; a Doutora *Anne Nasimiyou-Wasike*, do *Quênia*, sobre “*Cenários de pluralismo, uma análise sociológica*”; o bispo *Michael L. Fitzgerald*, do Secretariado para a Unidade dos Cristãos, sobre *Pluralismo religioso, uma reflexão teológica*. Apresentadores de diversos continentes analisaram as projeções para a animação bíblica da pastoral na linha das exortações apostólicas pontifícias pós-sinodais.

A FEBIC promove a leitura bíblica “em contexto” para evitar tanto a leitura literalista, auto-proclamada fundamentalista, quanto a puramente espiritual sem impacto externo. Incentiva a *lectio divina* com suas variantes, incluindo o compromisso de ação como prática da animação bíblica de retiros e jornadas, ainda que existam outros métodos de oração bíblica, tais como o de São João Batista de La Salle ou de Santo Inácio de Loyola. Em cada dia da Assembléia houve *lectio divina* por grupos lingüísticos sobre textos dos Atos dos Apóstolos. Tratou-se de superar a consideração puramente acadêmica da formação bíblica para orientá-la para a vida cristã e a ação eclesial.

Coordenadores dos continentes ou áreas apresentaram a situação do apostolado bíblico em suas regiões, o que teve um destaque positivo através de uma exposição permanente de materiais dos diferentes países e por múltiplas comunicações a grupos de voluntários.

Dos relatórios apresentados por escrito e em plenários, se recolheram experiências sugestivas e outras que causaram impacto: a flagrante violação da liberdade religiosa no Irã, Indonésia, Malásia e Paquistão, que consideram delito a comunicação da fé cristã, e se propõe aniquilar a Igreja. Em alguns seminários e casas religiosas observou-se uma deficiente formação para o uso espiritual e pastoral da Bíblia, reduzida a instrumento argumental da teologia, o que empobrece as homilias e dificulta aos fiéis “manejar com segurança e proveito a Escritura e compenetrar-se de seu espírito” (*DV 25b*). Se a catequese visar a iniciar a “todos os fiéis” à “leitura assídua da Escritura para que adquiram a *ciência suprema de Jesus Cristo* (Fl 3, 8) é preciso dar apoio especial à formação bíblica espiritual dos catequistas. Em vários locais, por ocasião da semana, mês ou ano da Bíblia, organizam-se concursos dedicados a trivialidades sem enfatizar os grandes temas vinculados à experiência de Deus na vida do povo e das pessoas.

Em face do violento surgimento dos nacionalismos nos *Bálcãs*, desde 1994, o presidente do Instituto Bíblico Esloveno *Rudi Koncilja*, difundiu um método que promove a “Palavra de Deus como poder para pensar em positivo”. Na sub-região da Europa Central, o diretor do Instituto Bíblico Católico checo-eslovaco, desde 1997, *Petr Chalupa*, verificou o poder unificador da Palavra de Deus nos encontros de representantes das facções políticas e sociais que geralmente se defrontam. Na preparação de noivos para o casamento, o mesmo Instituto promove uma aproximação à Sagrada Escritura que dure para a vida toda. O Instituto Bíblico Austríaco mantém uma linha telefônica aberta para informar o público sobre os perigos das seitas onde a gente busca refúgio em sua insegurança. Os países e regiões de fala alemã (da França, Bélgica, Suíça, Polô-

nia...) proclamaram 2003 o Ano da Bíblia, com o fito de conseguir que a leitura da Bíblia se converta em parte importante da vida das famílias através de círculos bíblicos.

No Leste europeu, a necessidade atual são manuais de introdução para aprender a ler o texto sagrado. O recente documento da Pontifícia Comissão Bíblica, *O Povo Hebreu e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã* suscitou agradecimentos na oportunidade em que ressurgiram sentimentos e atitudes anti-semitas.

Na sub-região de Roma, além de instituições acadêmicas, existem congregações que, a para de traduzir e difundir a Bíblia em sua ação missionária, destacam o lugar da Bíblia na educação, tais como as Irmãs Escolares de *Notre Dame* e os Irmãos das Escolas Cristãs, que também estão formando Ministros da Palavra. Os diversos membros têm formado equipes de trabalho sobre Bíblia e Missão, Bíblia e Formação, Bíblia e Meios de Comunicação, que programam seus próprios encontros anuais.

Na África, as atividades se concentram na tradução e difusão do texto bíblico e na preparação de exegetas. A VI Assembléia aprovou uma opção preferencial pela África, onde para uma pastoral bíblica é indispensável haver Bíblias à disposição.

Na Oceania se estão multiplicando as páginas *web católicas* com reflexões, propostas de oração inspiradas em textos bíblicos, cartões de saudação ou de cumprimentos com temas bíblicos, grupos de discussão e de partilha bíblicos referentes aos problemas sociais, de justiça e de ética que afetam a cada país. Na diocese de *Enga* foi celebrado o ano da Bíblia, trasladando de paróquia em paróquia a Bíblia numa caixa de cristal, à semelhança da Arca da Aliança que representava a presença de Deus; essa solenidade moveu muitas pessoas a comentarem a Bíblia em família com algumas ajudas. Em retiros bíblicos foram preparados monitores, com o apoio de cursos nacionais e diocesanos e animadores de Pastoral bíblica. Na Austrália realizam-se acampamentos de Família e Bíblia.

No Nordeste da Ásia se organizam acampamentos juvenis de formação bíblica e litúrgica. O *Studium Biblicum Franciscanum*, a título de extensão de seu labor acadêmico e de traduções oferece formação e divulgação bíblica mediante revistas. A Comissão do Apostolado Bíblico de *Taiwan* produz vídeos e auto-cassetes de formação e de informação da vida da Igreja em apoio de uma crescente rede de grupos bíblicos, promove o serviço bíblico para presos, e mantém a Bíblia em internet: www.catholic.org.tw. Em *Macau* formam-se ministros da Palavra para animar comunidades com escassa atenção e assistência sacerdotal. No *Japão* o Seminário de São Sulpício produz *software* de iniciação bíblica de elevada popularização. Na *Coréia*, as Filhas de São Paulo dirigem um curso bíblico a distância para fiéis em geral; as Irmãs de São Paulo de *Chartres*, as Irmãs do Perpétuo Socorro e as Irmãs da Caridade oferecem cursos e publicações de formação bíblica.

A Associação Bíblica Católica Unida *China* (UCCBA), vinculada à Congregação para a Evangelização dos Povos mediante a Oficina para a Promoção do Apostolado para os chineses, promove a leitura de coração e o estudo da Palavra de Deus para inculturá-la e construir comunidades de amor que santifiquem o mundo, e anima as comunidades chinesas de todas as partes a se afiliarem à UCCBA. Promove a interpretação interativa entre os livros de Confúcio e a Bíblia. Em internet oferece chaves do texto bíblico de cada dia. Difunde-se a Bíblia e uma guia para sua leitura. Em *Hong Kong* são proporcionados acampamentos anuais de Bíblia e Vida para novos católicos, um domingo por mês para partilhar o Evangelho em lares de anciãos, um curso de um ano sobre a Bíblia e *Catecismo da Igreja Católica*, encontros de Bíblia e Juventude para apren-

der a esclarecer aspectos de sua vida com a Palavra de Deus. Na Semana ou Mês da Bíblia se realizam concursos de desenhos bíblicos e de ensaios para ver a atualidade do Evangelho, se compartilham ressonâncias de palavras bíblicas, se pintam crucigramas e outros jogos bíblicos, se oferece a Boa-Nova para Deficientes Físicos. O Instituto Bíblico Católico de *Hong Kong* tem um diplomado em estudos bíblicos vinculado ao *Studium Biblicum Franciscanum* (SBF) de Jerusalém e um curso aberto com certificados de assistência. O SBF produz “*Eu vou à missa*”, com comentários das leituras dos domingos, para crianças de 8 a 14 anos de idade.

Na América Latina e no Caribe, além da Revista “*Dei Verbum*” publicada em *Stuttgard* em língua espanhola, inglês, francês e alemão, os membros da FEBIC-LAC recebem “*La Palabra Hoy*”, publicada em *Santa Fé Bogotá*, que inclui reflexões, relatórios de encontros. Experiências e separatas para animar atividades. Há encontros trimestrais em cada área (México, América Central, Caribe, Países Bolivarianos, Brasil, Cone Sul), um latino-americano em cada sexênio, e se possível um anual, em cada país.

A declaração final da VI Assembléia compromete a superar as discriminações injustas e os sectarismos, aceitando a pluralidade de visões do mundo, de interpretações da Bíblia, de teologias e de estruturas eclesiais, e oferece colaboração ao Decênio para Vencer a Violência, proposto pelo Conselho Mundial de Igrejas, e a toda e qualquer iniciativa em favor da justiça e da paz no mundo.

* * *

Os organismos lassalistas ativos em animação bíblica têm direito de solicitar sua incorporação à Federação Bíblica Católica, entrando em contato com a Comissão de Pastoral Bíblica da Conferência Episcopal de seu país, ou diretamente com o Secretariado Geral da FEBIC – *Postfach 105222, 70045 Stuttgart, Alemanha*. É de esperar que a *La Salle Intercom* e nossas páginas *web* mostrem a participação dos Irmãos e colaboradores do nosso Instituto na animação bíblica da pastoral e da educação.

Questionário Final **Para reflexões e partilhas em grupos**

1. Como incentivar em nível pessoal e grupal a formação bíblica? - Que ações concretas, ou que meios será preciso criar para uma formação bíblica dos alunos, o conjunto dos professores, as comunidades dos Irmãos, dos colaboradores lassalistas e as famílias dos alunos?
2. O quê ajudaria nos Centros Educacionais a favorecer significativamente a integração ou síntese de cultura-ciência-fé? – Como favorecer essa síntese em contextos com alunos ou professores de outras religiões?
3. Tem mudado algo em vocês sobre a compreensão da espiritualidade lassalista? – Vocês acrescentariam mais algum elemento que não conste neste Caderno?